

## DUAS NOTAS

RUBEM BRAGA

NÃO me foi possível comparecer ao Simpósio Sobre Problemas do Espírito Santo que está reunido neste momento em Vitória. Já se divulgou que meu Estado não anda apenas totalmente desamparado pela União, como gravemente prejudicado por esta, (como foi o caso da destruição dos cafezais), passou de pobre a miserável.

Os mexicanos costumam dizer que seu país não tem sorte: vive longe de Deus e junto dos Estados Unidos. Poderíamos dizer coisa parecida: vivemos longe de Deus e junto de Minas Gerais. Se não tem a capacidade econômica dos Estados Unidos, Minas tem muita força política, e a usa, não raro, em detrimento dos interesses do Espírito Santo, mesmo quando estes coincidem com os do Brasil. Isso entra pelos olhos, na política siderúrgica. O pórtico do Tubarão, sobre o qual tanto se badala, parece que tem um cais de mão única: só serve para exportar ferro, não serve para importar carvão. E no dia em que o carvão vier, ele terá de subir a serra para alimentar uma siderúrgica lá atrás da montanha, longe do mar e dos mercados do Brasil e do mundo...

O Estado Novo foi uma boa oportunidade para se resolver a questão de limites entre os dois Estados: o Governo entregou-a ao Serviço Geográfico do Exército, gente capacitada e imparcial. O laudo foi transformado em lei, mas a lei foi retirada à última hora das oficinas da Imprensa Oficial, porque um secretário do Governo de Minas — se não me falha a memória o atual Governador — despencou-se para o Rio e convenceu o ditador de que Minas sairia gravemente prejudicado, o povo lá ficaria revoltado, isso poderia ameaçar o regime...

Vamos ver se depois desse Simpósio o Governo Federal se lembra do Espírito Santo e permita — com licença de Minas — que ele possa respirar um pouco...

—:

Discussão em um restaurante sobre o gesto daqueles rapazes que proclamaram a morte da poesia — ou, pelo menos, do verso — e rasgaram, na calçada do Municipal, livros de nossos melhores poetas: Cabral, Drummond, Vinícius.

Alguém dizia que aquilo era de inspiração nazista. Outro camarada dizia que não, eram coisas de rapazes querendo ser falados, ter o nome no jornal: extravagância juvenil na base do cabotinismo.

Vinícius, o único «rasgado» ali presente, ouvia em silêncio, assobiando. Eu também não dei palpite. Quando saímos juntos é que o poeta comentou, com seu jeito suave: «bacaninha — não é? — esses meninos rasgando os versos da gente...»

DN - 7.2.68